

CRÔNICAS DA PATERNIDADE II: A EXPECTATIVA

José Alexandre da Silva¹

Depois da aceitação vem a expectativa. O simples ato de saber que um pequeno ser será dependente de você é estarrecedor. As primeiras coisas que vêm à cabeça paterna: acabaram-se as noites, essas vão vir regadas a choro, mamadas e mulher mal humorada; acabaram-se as saídas, cerveja depois do trabalho, sinuca na quinta feira; acabou-se o fim de semana, cinema no sábado e longas cochiladas depois do almoço. Sim, pensar isso é de fato aterrador. Entretanto, há de se conformar. Na corrida em que milhões de espermatozoides disputaram para chegar ao óvulo, um foi o vencedor. Praticamente não dá sinal de vida por uns 90 dias depois da corrida fatídica, é o período da aceitação. Porém, quando o pequeno parasita começa a dar mostras de sua presença outras ideias começam a povoar a mente paterna.

Uma dessas ideias mais recorrentes é: com quem o bebê vai se parecer? Esse detalhe é importantíssimo. Está escrito em algum lugar, muito pouco respeitado, que a maternidade é certa, mas a paternidade é presuntiva. Ora bolas, se no casal o marido pode ser o pai biológico, isso também abre a possibilidade de não o ser. Também soube por uma fonte não muito confiável, e não me dei ao trabalho de confirmar, que trinta por cento dos pais criam filhos de outros homens sem o saber. As piadas então são fantásticas: “não se preocupe, pai é quem cria”, ou então: “você está feliz, sim, nossa imagine o pai então”. É por isso que um filho que se parece com o pai é algo maravilhoso. Logo aparacem aqueles comentários que encheriam qualquer homem de orgulho: “Nossa esse é seu com certeza!”. E quantas vezes o felizardo não repetiria para si mesmo: É a cara do papai! A semelhança física é desejada sobretudo para os filhos homens.

No caso das filhas meninas, a melhor expectativa é que se pareça com a mãe. Certamente muitas mulheres já perderam negócios no mercado matrimonial por serem idênticas aos pais ou aos irmãos. Sobretudo se um cônjuge em potencial já conhece os

1 Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

familiares. Sim isso pode ser problemático. Um amigo de infância, EdMarte, contou que toda vez que ia beijar a namorada tinha a sensação de estar com o sogro, só que com cabelos longos, brincos e maquiagem. Resultado: fim do namoro. O ideal para as meninas é ser a cara da mamãe, porém com alguma característica de alguma tia paterna ou outro parente que o valha. Ainda tem detalhezinho de suma importância: e se for um casal interracial?

Como homens brancos procriam com mulheres negras ou mulheres negras procriam com homens brancos, ou seja lá qual for a mistura, isso pode aumentar o grau de dúvida sobre paternidade. Isso costuma ser chamado de mistura de raças e se percebe tão bem em nosso país que é um verdadeiro laboratório de cruzamento de povos ou seja lá qual termo preferir. Nesse campo, as piadas, politicamente incorretas, também são ótimas e justo por condenáveis não cumpre mencionar. Talvez seja mais interessante relatar um drama conhecido, cujo efeito trágico, pode ilustrar melhor a situação.

É o caso do amigo EtMarte, que preservo a identidade verdadeira por ser assunto dos mais delicados. Seu filho mais velho carrega visíveis traços negróides, para usar a linguagem da medicina legal. O pai, negro carapinha, teria ficado deveras contente se não faltasse no menino um detalhezinho bobo que é a cor, mais adequada nesse caso, a sua. Seu filho então é um “negro/branco”. Coisa de dar nó na cabeça até de pessoa esclarecida, o que talvez não seja o caso. A filha da meio quase que salva a lavoura, um pouquinho mais chegada de melanina. Mas a filha caçula levou a colheita por terra com a pele alvinha e um cabelão loiro encaracolado. É de se compadecer pelo amigo, que há tempos da mostras de precisar de um bom psicanalista.

O fato é que, para satisfazer todos os preconceitos, os filhos devem se parecer com os pais, minimamente, a ponto de não levantar suspeitas sobre retidão monogâmica da mãe. As filhas devem se parecer com as mães, mas ter alguns traços paternos, para não dar azo às mesmas dúvidas. O formato dos dedos ou o lóbulo da orelha, talvez textura do cabelo, já quebram um galho. O mesmo vale para os casais interraciais, com o aditivo da melanina é evidente. Pra todo mundo ficar contente, tem que ser a cara do papai.